

MATERIAL DE ESTUDIO.

A Língua em funcionamento nos Textos orais / escritos Conceitos-chave para uma Didáctica do Português /Língua Portuguesa” (excerto).

FIGUEIREDO, OLÍVIA.

Cita:

FIGUEIREDO, OLÍVIA (2008). *A Língua em funcionamento nos Textos orais / escritos Conceitos-chave para uma Didáctica do Português /Língua Portuguesa” (excerto)*. MATERIAL DE ESTUDIO.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/catedradeportugues/3>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pwBK/xEG>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Texto escrito

Coerência textual

- A **coerência textual** é a propriedade que dá conta do significado global do texto:
- de que fala o texto (tema);
- que informação dá (selecção de informação);
- como se organiza a informação (**tipologia textual** ou **protótipo textual** - narrativa, descritiva, argumentativa, expositiva, explicativa, dialogal-conversacional; **género discursivo** – carta, crónica, horóscopo, conto, etc.).

Quis pagar com cheque falso

«A PSP deteve anteontem um indivíduo de 24 anos, solteiro, sem profissão, depois de ter tentado efectuar um pagamento numa loja de brinquedos na Avenida Fernão de Magalhães com um cheque falsificado. O jovem tentava adquirir uma moto infantil, no valor 800 euros, entregando para pagamento um cheque que a funcionária da loja verificou constar de uma relação de documentos furtados. O burlista tinha imitado a assinatura do real proprietário e tentou provar a veracidade da mesma apresentando a carta de condução também furtada, onde havia colado a sua fotografia. Contactado o dono dos cheques, este afirmou que os assaltantes já efectuaram pagamentos que ascendem a 3500 euros, utilizando os cheques que desapareceram da sua viatura.»

Jornal de Notícias

O texto, cujo género discursivo é uma **notícia**, narra um evento: a tentativa de um pagamento com cheque falsificado. O delito foi tentado por um jovem que procurava pagar uma moto infantil com um cheque furtado de uma viatura.

O texto actualiza-se por meio da **tipologia narrativa** (narra-se cronologicamente um evento, enquadrado num determinado espaço “numa loja de brinquedos” e num determinado tempo “anteontem” e com determinados actantes “um indivíduo de 24 anos” e “a funcionária da loja”). A **coerência textual** passa pela capacidade de o leitor captar a intencionalidade comunicativa que subjaz ao texto, ou seja, a mensagem informativa que o jornalista quis transmitir quando escreveu a notícia. A coerência é sempre uma actividade interpretativa do leitor ou ouvinte.

Coesão textual

A **coesão textual** diz respeito aos mecanismos gramaticais de tipo sintáctico-semântico que se utilizam para explicitar as relações existentes entre as frases, os períodos e os parágrafos de um texto.

Mecanismos coesivos

Entre os **mecanismos de coesão** destacam-se:

- a **anáfora** (gramatical e lexical)
- a **elipse**
- a **conexão**
- a **relação dos tempos verbais**

Anáfora

A **anáfora** é um elemento gramatical ou lexical que se interpreta em relação a um elemento lexical aparecido anteriormente no discurso - **antecedente** (*A Rosa faltou hoje à aula, mas ela nunca falta!*).

A **catáfora**, por seu lado, designa um tipo particular de anáfora, em que o termo anafórico precede o antecedente. (*Ela nunca falta à aula, mas a Rosa hoje faltou.*)

O elemento que antecede a anáfora e com o qual ela se referencia é chamado **antecedente referencial**.

Tome-se o seguinte exemplo:

O menino quando viu o seu avô começou a correr pelas escadas. A correria foi tanta que o pequenito não viu o último degrau que tinha água e ele caiu.

Neste enunciado há seis elementos claramente **anafóricos**. Uns são gramaticais; outros lexicais.

Anáforas gramaticais:

- o possessivo *seu* de “seu avô”, cuja interpretação leva directamente ao grupo nominal antecedente “o menino”;
- o pronome relativo *que*, cujo antecedente é o nome “degrau”;
- o pronome pessoal *ele* que substitui os antecedentes lexicais “o menino”, “o pequenito”.

Anáforas lexicais:

- o grupo nominal *o pequenito* que entra numa relação de sinonímia com o seu antecedente “O menino”;
- o grupo nominal *A correria* que se interpreta em relação ao antecedente verbal “correr”;
- o grupo nominal *o último degrau* que está associado ao nome antecedente “escadas”.

Anáfora gramatical

A **anáfora gramatical** realiza-se com elementos tipicamente gramaticais:

- **pronomes pessoais** de 3.^a pessoa (*ele, ela, lhe...*);
- **determinantes e pronomes possessivos** de 3.^a pessoa (*seu, sua, suas...*);
- **morfemas verbais** de 3.^a pessoa – *ele cantou, ela cantava, ele tinha cantado, ela cantaria*);
- **pronome relativo** *que*, que pela sua natureza sintáctica de referência a um antecedente é também anafórico.

Isto significa que o **anafórico** se vincula à terceira pessoa gramatical; os **deícticos** vinculam-se à primeira pessoa e segunda pessoa e aparecem em textos dialogados e em situação de conversa face a face.

Anáfora lexical

A **anáfora lexical** realiza uma função discursiva substitutiva, paralela à de um pronome e pode tomar várias formas.

As relações entre palavras de um texto podem ser de dois tipos: de **referência** (anáfora co-referencial) e de **sentido** (anáfora não co-referencial).

Relações lexicais de co-referência anafórica

Fala-se de **relações lexicais de co-referência anafórica** quando as palavras ou sintagmas do texto remetem para um mesmo referente aparecido anteriormente no texto. Esta remissão pode tomar várias formas:

Anáfora co-referencial

A retoma co-referencial pode tomar várias formas: **repetição, sinonímia, hiperonímia, hiponímia, nominalização, nominalização resumativa.**

Anáfora por repetição

Repete-se tal e qual o referente antecedente, precedido agora pelos determinantes demonstrativo “este” ou definido “o”, para indicar que há **identidade total** de referente e de sentido.

Ele comprou um carro. Este / O carro atinge 180 por hora.

Este / O carro é uma **anáfora por repetição**.

A **repetição** também pode fazer-se por **retoma parcial**, repetindo-se parcialmente o referente introduzido anteriormente: *Ele comprou um belíssimo carro com uma mala enorme. Este / O carro atinge 180 por hora;*

ou a **repetição** pode fazer-se por acrescento de informação nova: *Ele comprou um carro. Este belíssimo carro atinge 180 por hora.*

Anáfora por sinonímia

Ele aconselhou o rapaz. Mas este / o adolescente não ouviu.

Este / O adolescente é uma **anáfora por sinonímia**.

O nome “adolescente” está numa relação de referente e de sentido com o nome antecedente “rapaz”.

A retoma do antecedente também pode fazer-se por um **sinónimo de referência** que tem a ver com **os saberes compartilhados** (conjunto de saberes e conhecimentos partilhados) pelos interlocutores do discurso oral ou pelos escreventes-leitores do discurso escrito: *O Benfica.../ A equipa da Luz.../ A equipa da Águia.../ O antigo campeão da Liga...*

Num texto, o referente “Benfica” pode ser retomado pelas anáforas “A equipa da Luz”, “A equipa da águia”, “O antigo campeão da Liga”, etc. O que é necessário é que o interlocutor ou o leitor partilhem os mesmos saberes do locutor ou do escritor sobre o “Benfica”, baseados nos **saberes compartilhados**.

Em casos concretos como este, a relação entre o antecedente e as anáforas faz-se por meio de **sinónimos referenciais discursivos** (estes sinónimos não são sinónimos de língua – não existem nos dicionários de língua – são sinónimos de discurso).

Anáfora por hiperonímia

Ele comprou um carro. Este / O veículo atinge 180 por hora.

Este / O veículo é uma **anáfora por hiperonímia**.

O nome “veículo” está numa relação de referente, de sentido e de inclusão com o nome “carro”. “Veículo” é um hiperónimo porque permite que se realize a seguinte operação de inclusão por meio do verbo “ser”: *O carro é um veículo.*

Anáfora por hiponímia

Um veículo agrícola atravessou-se na estrada. O tractor era conduzido por um inexperiente.

O nome “um veículo agrícola” está numa relação de referente, de sentido e de inclusão com o nome “o tractor”. “Veículo agrícola” é um hiperónimo porque permite que se realize a seguinte operação de inclusão por meio do verbo “ser”: *O tractor é um veículo agrícola.*

O hiperónimo no texto, geralmente, vai depois do hipónimo. O hiperónimo só pode ir antes do hipónimo se o hiperónimo for acompanhado de uma **especificação**, normalmente **adjectivo relacional** ou **subordinada relativa restritiva**, que lhe reduza a compreensão / extensão.

Porque “veículo” vai especificado pelo adjectivo relacional “agrícola” é que *tractor* se pode identificar como hipónimo do hiperónimo “veículo”. *O tractor é um veículo.*

Anáfora por nominalização

Ele comprou um carro que se caracteriza por atingir 180 por hora. Esta característica entusiasmou-o.

Ele comprou um carro ágil e seguro. Esta agilidade e esta segurança entusiasmaram-no.

“Esta característica”, no primeiro enunciado, e “esta agilidade e esta segurança”, no segundo enunciado, são **anáforas por nominalização**, porque consistem na transformação da forma verbal “caracteriza” e dos adjectivos “ágil e seguro” nos nomes “característica”, “agilidade”, “segurança”.

Estes nomes estão numa relação de identidade, de referente e de sentido com a forma verbal “caracteriza” e com os adjectivos “ágil e seguro”.

Anáfora por nominalização resumativa

Ele disse que ia comprar um carro porque nunca chegava ao emprego a horas. Este argumento não me convence.

“Este argumento” é uma expressão nominal, com um nome que resume uma porção do discurso anterior. A **anáfora resumativa** “Este argumento” está numa relação de sentido com o que foi dito / apresentado anteriormente. Nesta anáfora não há co-referencialidade.

Anáfora não co-referencial

A anáfora não co-referencial pode ter a forma de associação (anáfora associativa).

Nota: com o modificador apositivo, há co-referência, mas não anáfora.

Anáfora associativa (holonímia e meronímia)

Ela comprou um carro. Depois verificou que o volante não estava alinhado.

O volante é uma **anáfora associativa** porque não há retoma do antecedente, mas só associação.

O nome “volante” está numa relação de parte / todo com o nome antecedente “carro”, com o qual não há uma equivalência de referente, mas só de relação partonómica.

“Carro” é o holónimo e “volante” é o merónimo. Trata-se de uma estrutura partonómica (relação parte / todo). “O volante” é uma parte do todo que é o “carro”.

A operação entre o holónimo e o merónimo realiza-se por meio do verbo “ter”: *O carro tem um volante*. O merónimo é sempre introduzido pelo determinante artigo definido. É a presença do artigo definido que dá a informação ao ouvinte / leitor de que se trata de uma relação da parte (merónimo) ao todo (holónimo).

Elipse

A **elipse** é um procedimento coesivo, que se realiza por meio de **anáfora zero**. A elipse alterna com a **anáfora pronominal** como meio de economia discursiva.

A interpretação da elipse realiza-se por remissão a um elemento presente no co-texto linguístico e, por isso, trata-se de um procedimento anafórico:

A Joana comprou o vestido azul e ø deu o ø amarelo.

=

A Joana comprou o vestido azul e ela deu o vestido amarelo.

Neste enunciado há duas **posições vazias** interpretáveis: *ela* e *vestido*. A primeira posição é interpretada pelo morfema verbal “deu”; a segunda é interpretada pelo nome anterior da coordenação “vestido”.

Segundo a natureza do constituinte elidido, pode-se falar de dois tipos básicos de elisão, recuperáveis contextualmente. A **elisão nominal** (pronominal) e a **elisão verbal**:

A **elisão nominal** (pronominal) dá conta da elipse:

- do pronome sujeito - *Eu irei ao Chipre e ø irei à China;*

- da elipse do núcleo do grupo nominal - *Eu comprei dois fatos: um ø vermelho e outro ø amarelo.*

A **elisão verbal**, em estruturas coordenadas e comparativas, afecta:

- o verbo - *Eu irei ao Chipre e tu ø à China = Eu irei ao Chipre e tu irás à China.*

- o verbo e alguns dos seus complementos - *Eu irei ao Chipre e tu também ø = Eu irei ao Chipre e tu também irás ao Chipre; Eu amo-o como ele ø a mim = Eu amo-o como ele me ama a mim.*

A **elipse**, ao retomar o referente sem o repetir, contribui para evitar a monotonia e dar dinamismo ao texto.

Veja-se como se actualiza o sistema anafórico num texto, sem o qual o texto não seria coeso:

Infinitas Fiadeiras

*(A aranha ateia
diz ao aranho na teia:
o nosso amor
está por um fio!)*

A aranha, aquela aranha, era tão única: não parava de fazer **teias**! Fazia-as de todos os tamanhos e formas. Havia, contudo, um senão: ela fazia-as mas não lhes dava utilidade. O bicho repaginava o mundo mas sempre inacabava as suas obras. Ao fio e ao cabo ela já amealhava **uma porção de teias**, que só ganhavam senso no rebrilho das manhãs.

E dia e noite: dos seus palpos primavam obras, com belezas de cacimbo gotejando, **rendas e rendilhados**. **Tudo sem fim nem finalidade**. Todo o bom aracnídeo sabe que a teia cumpre **as fatais funções**: lençol de núpcias, armadilha de caçador. Todos sabem, menos a nossa aranhinha em suas distraícoerias funções.

Para a mãe-aranha aquilo não passava de mau-senso. Para quê tanto labor se depois não se dava a indevida aplicação? Mas a jovem aranhica aranha não fazia ouvidos. E alfaiatava, alfinetava, cegava os nós. Tecia a retécia o fio, entrelaçava e reentrelaçava mais e mais teia. Sem nunca fazer morada em nenhuma. Recusava a utilitária vocação da sua espécie.

- Não faço teias por instinto.

- Então faz por quê?

- Faço por arte.

Benzia-se a mãe, benzia-se o pai. No enquanto a menina prosseguia, infinita teceloa. Os pais, após concertação, a mandaram chamar.

A mãe:

- Minha filha quando é que assentas as patas na parede?

E o pai:

- Já eu me vejo em palpos, minha filha?...

Em choro múltiplo, a mãe limpou as lágrimas dos muitos olhos enquanto disse:

- Estamos recebendo queixas do aranha.

- O que é que dizem, mãe?

- Dizem que isso só pode ser doença apanhada de outras criaturas. Até que decidiram: a jovem aranha tinha que ser reconduzida aos mandos genéticos. Aquele devaneio seria causado por falta de namorado. A moça seria até virgem, não tendo nunca digerido um machito. E organizaram **um amoroso encontro**. Vai ver que custa menos que **engolir** mosca, dizia a mãe. E aconteceu. Contudo, ao invés de devorar o singelo namorado, a aranha namorou e ficou enamorada. Os dois deram-se os apêndices e dançaram ao som de **uma brisa** que fez vibrar a teia. Ou seria a teia que fabricava a brisa?

A aranhica levou o namorado a visitar a sua colecção de teias, ele que escolhesse uma, ficaria prova do seu amor.

A família desiludida consultou **o Deus dos bichos**, para reclamar da fabricação daquele espécime. Uma aranha assim, com mania de gente? Na sua teia o Deus dos bichos quis saber o que poderia fazer.

Pediram que ela transitasse para humana. E assim sucedeu: num golpe divino a aranha foi convertida em pessoa. Quando ela, já transfigurada, se apresentou **no mundo dos humanos** logo lhe exigiram a imediata identificação. Quem era, o que fazia?

- Faço arte.

- Arte?

E os humanos se entreolharam, intrigados. Desconheciam o que fosse arte. Em que consistia? Até que um, mais velho, se lembrou. Que houvera um tempo, em tempos que já perdera memória, em que alguns se ocupavam de tais improdutivos afazeres. Felizmente isso tinha acabado, e **os poucos** que teimavam em imaginar esses pouco rentáveis produtos – obras de arte – tinham sido geneticamente transmutados em bichos. Não se lembrava bem em que bichos. Aranhas, ao que parece.

Mia Couto - *Pública*

Neste texto de Mia Couto, as retomas anafóricas são constantes e estão ao serviço da coesão textual. Os segmentos linguísticos que estão a negro são os referentes no discurso. Os segmentos sublinhados são as retomas anafóricas gramaticais (pronominais) e lexicais desses referentes que dão coesão, continuidade e fazem progredir a informação no texto:

- o referente “**A aranha**” no início do texto, que já de si é uma anáfora intertextual uma vez que “aranha” retoma o mito de *Aracne* (no qual a deusa Atena transforma uma tecelã em aranha), é retomado anafóricamente, na sua totalidade, ao longo do texto por meio da retoma **anafórica pronominal** “ela”, mas sobretudo por meio de **retomas anafóricas lexicais** várias:

“o bicho” (hiperónimo, linha 2), “a nossa aranhinha” (repetição com variância afectiva, linha 7), “a jovem aranha” (repetição com acrescento de informação, linha 10), “menina” (sinónimo contextual, linha 16), “infinita teceloa” (sinónimo contextual, linha 16), “a jovem aranha” (repetição, linha 25), “a moça” (sinónimo, linha 27), “a aranha”, “a aranha” (repetição, linhas 31, 34);

- por outro lado, o referente “a aranha” é retomado nas suas partes constitutivas:

“seus palpos” (linha 5), “as patas”, (linha 19), “os apêndices” (linha 29) - retomas anafóricas associativas (meronímias);

- o referente “**teias**” é retomado por anáforas pronominais (“as” linha 1, “lhes” linha 2) ou por retomas anafóricas resumativas como “suas distraídoeiras funções”(linha 8), “utilitária vocação” (linha 12), “tais improdutivo afazeres” (linha 42), “esses pouco rentáveis produtos” (linha 43);

- o referente “**um amoroso encontro**” é retomado pelas anáforas “singelo namorador” (linha 29) e “o namorado” (linha 31) - anáforas sinonímicas de referência.

O interessante e o importante a verificar é o modo como são introduzidos os referentes no texto, o modo como eles são retomados - ao serviço da **continuidade temática** e da **progressão remática** em termos informativos – e o modo como são estrategicamente disseminados ao longo do texto. Sobretudo, verificar se a anáfora está explícita ou implícita – anáfora zero ou **elipse**.